

## XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

### GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

**TECER: UMA METÁFORA FEMINISTA PARA MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA**

***WEAVING: A FEMINIST METAPHOR FOR LITERARY READING MEDIATION***

**Charlene Kathlen de Lemos** – Universidade de São Paulo (USP)

**Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira** – Universidade de São Paulo (USP)

#### **Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** o objetivo deste estudo é propor e discutir a construção de uma metáfora de mediação de leitura associada ao tecer, sob a perspectiva das epistemologias feministas. Esta pesquisa adota abordagem qualitativa e exploratória, dividida em duas etapas: revisão bibliográfica e análise de experiência de um coletivo de mulheres bordadeiras que se reúne numa biblioteca pública de São Paulo. A observação permitiu uma aproximação empírica, possibilitando coleta de dados de situações reais que provocaram reflexões e iluminaram caminhos para a pesquisa. Como resultado percebemos que a utilização da metáfora do tecer para mediação de leitura amplia o conceito, a partir de uma elaboração circular, popular e comunitária. Dessa forma, compreendemos a construção uma metáfora para mediação de leitura a partir do tecer pode ser um ponto de partida para a produção de conhecimentos sob a perspectiva feminista dentro da Ciência da Informação.

**Palavras-chave:** mediação de leitura; tecer; epistemologias feministas.

**Abstract:** the objective of this study is to propose and discuss the construction of a reading mediation metaphor associated with weaving, from the perspective of feminist epistemologies. This research adopts a qualitative and exploratory approach, divided into two stages: a literature review and an analysis of the experience of a collective of women embroiderers who meet in a public library in São Paulo. Observation allowed for an empirical approximation, enabling the collection of data from real situations that provoked reflections and illuminated paths for the research. As a result, we perceive that the use of the weaving metaphor for reading mediation broadens the concept, based on a circular, popular, and community-based elaboration. In this way, we understand that the construction of a metaphor for reading mediation based on weaving can be a starting point for the production of knowledge from a feminist perspective within Information Science.

**Keywords:** reading mediation; weaving; feminist epistemologies.

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, houve aumento nas pesquisas focadas no papel central das mulheres em transformar seus territórios, construir conhecimentos, contribuir para arte, ciência, economia e outros. As experiências das mulheres no cotidiano, no ambiente doméstico e no público, tornaram-se dados de pesquisa significativos para novas abordagens metodológicas e novas epistemologias (Tavares; Ferradás; Sarmiento, 2022).

O feminismo tem se firmado enquanto movimento social, político, filosófico, além de constituir um projeto teórico-epistemológico. O termo vem se apresentando cada vez mais no plural, feminismos, demonstrando a multiplicidade de vivências, de lutas, de opressões enfrentadas por diversos grupos de mulheres. A ideia dos feminismos plurais contrapõe a noção de um feminismo universal que se baseia na experiência de um grupo de mulheres (brancas, cisgênero, classe média/alta).

A palavra feminismo vem do latim *femina* que significa “mulher” e como movimento ganha força no século XIX para combater as desigualdades de gênero, a violência contra as mulheres e o patriarcado. No Brasil, durante muito tempo, houve resistência à utilização do conceito, de acordo com Duarte (2019, p. 5-6), um forte preconceito impulsionado pelos antifeministas isolou o termo, promovendo desgaste semântico da palavra, transformando a feminista em sinônimo de mulher mal-amada, machona, feia, em oposição à ideia do feminino; levando inclusive as escritoras, as intelectuais e as pesquisadoras a rejeitar o termo. É nos anos de 1970 que o movimento ganha força na sociedade brasileira com lutas e conquistas por direitos sexuais e reprodutivos, políticos, culturais e econômicos. Neste mesmo período, um número crescente de feministas passa a produzir teorias em seus próprios termos, identificando vieses disciplinares opressores, e disputando a vocação apolítica e universal da ciência (Tavares; Ferradás; Sarmiento, 2022, p. 35).

O crescimento da defesa de teorias feministas do conhecimento surge inegavelmente para denunciar e tensionar a produção do conhecimento científico, questionando a maneira pela qual estabelecemos a relação sujeito-objeto e a própria representação de conhecimento como verdade universal (Rago, 2019, p. 373). Os mais diversos campos do conhecimento estão passando por esse processo de intervenção, de contestação, de tensionamento, de questionamento, a partir do desenvolvimento das teorias feministas, antirracistas e dos estudos decoloniais.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

Donna Haraway (2009)<sup>1</sup> na década de 1980, desconstruiu a ideia de objetividade e da constituição de um método científico universal e neutro, e defendeu a construção do conhecimento a partir de saberes parciais, localizáveis, potencialmente críticos e apoiados na possibilidade de redes de conexão com outros saberes localizados (Haraway, 2009, p. 23). Para a autora, a construção crítica de conhecimento fora dos canais dominantes possibilita tensionamentos, conexões e aberturas inesperadas com as redes de conhecimento e de poder.

A ciência é uma instituição social e cultural, portanto também é passível de reproduzir desigualdades, entre elas a subordinação das mulheres. Na Ciência da Informação não é diferente. Almeida (2021, p. 51), analisou diversos estudos sob a perspectiva de gênero na área e constatou que não há propostas reformistas para o campo, acreditando, inclusive, que as práticas profissionais, das mais rotineiras e repetitivas às mais abertas, como a mediação cultural, ainda acontecem sob a lógica androcêntrica, em que o masculino assume a centralidade. A partir dessa constatação o autor, afirma que pensar a Ciência da Informação, a partir das epistemologias feministas é criar parâmetros feministas para uma nova Ciência da Informação.

Dessa forma, compreendemos que estudar como mulheres criam processos de mediação de leitura dentro de suas comunidades é colocar o corpo feminino no centro de um estudo dentro da área. A ideia não é fazer uma pesquisa de ponto de vista, a partir do gênero, mas compreender como são construídas relações políticas e sociais mediadas pela arte literária em que todas as relações de gênero fazem parte do debate.

A mediação de leitura como prática tem se popularizado recentemente (últimos 20 anos) e tem chamado a atenção da sociedade, despertando interesse tanto do mundo acadêmico e dos profissionais do livro, quanto de pessoas comuns despertadas pelo desejo de se tornarem mediadoras de leitura.

Na Ciência da Informação a mediação como campo de estudos, se desdobra em mediação tecnológica, informacional, cultural e de leitura. Perrotti e Pieruccini (2014) têm se debruçado a estudar o conceito e as práticas de mediação cultural dentro da Ciência da Informação e perceberam que as visões dualísticas e mecânicas são insuficientes para dar conta dos sentidos produzidos pelo ato de mediar. Por isso, de acordo com os autores, mediar

---

<sup>1</sup> O artigo "Situated Knowledges: the Science question in feminism and the privilege of partial perspective" foi originalmente publicado em inglês, em *Feminist Studies*, v. 14, n. 3, em 1988.

é ato autônomo, com identidades e lógicas próprias, definidas em relação às esferas da produção e da recepção de informação e cultura.

A mediação, sob essa perspectiva, não é um lugar de passagem, mas de criação e produção de sentidos. Os relacionamentos entre os participantes são essenciais. Mediar é vincular-se ao mundo, participando de processos que inclusive podem formar identidades culturais. Ser mediador(a) de leitura é, portanto, um convite para se apropriar da capacidade de diálogo, da escuta, por caminhos afetivos e de cuidado com o outro no espaço doméstico ou no público, tendo a literatura como centralidade. Ao mesmo tempo que se convoca para disputas por direitos e pelo espaço urbano.

Diante do exposto, nosso objetivo neste trabalho é propor e discutir a construção de uma metáfora de mediação de leitura associada ao tecer, ou de enredar tramas, através das mais diversas manualidades têxteis como bordar, costurar, tricotar, crochetear e tantas outras. O tecer, nesse sentido, é saber ancestral ligado ao universo feminino que se conecta com as experiências coletivas de mediação de leitura.

A palavra “tecer” é um verbo que se refere ao ato de entrelaçar fios ou outros materiais para formar um tecido. Além disso, tecer pode ser utilizado de forma figurativa, referindo-se à construção de narrativas ou à criação de relações sociais nas quais diferentes elementos são entrelaçados para formar um todo coeso.

Dessa maneira, construir uma metáfora para mediação de leitura a partir do tecer pode ser um ponto de partida para a produção de conhecimentos sob a perspectiva feminista dentro da Ciência da Informação.

A pesquisa adota abordagem qualitativa e exploratória, com foco na proposição de uma nova metáfora para o conceito de mediação de leitura a partir da articulação entre revisão de literatura e análise de experiências das mulheres que criam espaços de comunidade e trocas simbólicas, culturais e políticas, por meio das artes têxteis. A metodologia está estruturada em duas etapas principais: revisão bibliográfica e análise de experiência.

A revisão bibliográfica foi conduzida com o objetivo de embasar teoricamente a investigação a partir dos temas-chave epistemologias feministas, o uso das metáforas na ciência, mediação leitura e tecer a partir de estudos publicados em livros, artigos de periódicos, dissertações, teses e outras fontes de pesquisa acadêmicas.

A observação de experiência foi realizada de forma direta e participativa, visando acompanhar as práticas, as interações e os comportamentos de um coletivo de mulheres que

se reúne semanalmente na Biblioteca Pública Municipal Raul Bopp, pertencente ao Sistema Municipal de Bibliotecas da Cidade de São Paulo, para exercício do bordado livre, durante os anos de 2024 e 2025. O grupo é formado por mulheres de idades, de classes sociais, de etnias e com histórias de vida diferentes, que tem uma identidade de abertura e de acolhimento, principalmente com as mulheres neuro divergentes e em situação de vulnerabilidade social. A observação permitiu aproximação empírica, possibilitando a coleta de dados de situações reais que provocaram reflexões e iluminaram caminhos para a pesquisa. Nossa pretensão não é generalizar as experiências dessas mulheres, mas buscar pontos em comum e problematizações próprias do ato de mediar leituras. Este trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado que estuda a dimensão política da mediação de leitura feita por mulheres na cidade de São Paulo.

## **2 PONTE: UMA METÁFORA INSUFICIENTE PARA MEDIAÇÃO DE LEITURA**

Quando falamos em mediação de leitura é muito comum associar o conceito à metáfora da ponte, o ato da mediação de leitura ou a própria mediadora como sendo alguém que promove o encontro entre o livro/texto literário e as/os leitoras/es. A palavra ponte no sentido figurado indica uma estrutura construída para conectar dois pontos separados por um obstáculo, que serve para três coisas: conectar, facilitar uma travessia e para mobilidade.

Ao pensar nos coletivos de bordados percebemos as mediadoras como aquelas cuja função vai além de conectar, mas que promovem conexões e ao invés de apenas facilitar a travessia, atravessam e se movimentam em conjunto. Então, “porque a metáfora da ponte é tão recorrente quando falamos de mediação de leitura?”

Uma das explicações é o próprio sentido da palavra mediação, ligado à palavra mediar. De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha] (2008-2025), a palavra tem origem etimológica derivada do latim *mediare, medio, -are*, cujo os usos mais comuns são dividir em dois, estar no meio, ser intermediário entre duas ou mais partes, interceder ou intervir como mediador.

Segundo a professora e pesquisadora Ana Amélia Lages Martins (2019), apesar do uso do termo “mediação” nas Ciências da Informação e Comunicação ter se desenvolvido a partir dos anos de 1970, sua utilização na Filosofia é feita há séculos, desde a Antiguidade Clássica. O termo se apresentava como elemento da lógica e da epistemologia, sendo utilizado através

da perspectiva do “meio-termo” ou “termo médio” nas Teorias do Conhecimento, na ética aristotélica e no silogismo (Martins, 2019, p. 137).

Em sua pesquisa de mestrado, Martins (2010), analisou trabalhos na perspectiva da Ciência da Informação brasileira que se utilizavam do termo mediação e em que sentido. A metáfora da ponte apareceu em muitos trabalhos e o seu significado vinha referenciado na ideia de intermediação, elo, transferência (Martins, 2010, p. 196-197).

Algumas autoras que são referência da área do livro e da leitura também utilizaram a metáfora da ponte em suas pesquisas, como a antropóloga Michèle Petit (2009), cuja intenção foi a de definir o ato de mediação que deveria estar ligado ao processo de apresentação e invenção de pontes para ampliar os universos culturais. Já Yolanda Reys (2014), percebe os mediadores de leitura como aqueles que “estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem”. Para María Teresa Andrueto (2017, p. 28), a mediação de leitura atua como elo entre os livros e as pessoas.

De acordo com o professor e pesquisador do conceito de mediação cultural Cayo Honorato (2015, p. 206), muitas são as mediações e devido à multiplicidade o campo semântico encontra-se fragmentado, dominado pelo senso comum de qualquer coisa “no meio”, esvaziando sua capacidade crítica ou explicativa. Para o pesquisador, se por um lado o termo se generaliza sem muita clareza conceitual ou de transformação de práticas, por outro lado, ele revela a emergência de muitos espaços de contato, hibridação, de conflitos, tensionamentos, ao menos numa perspectiva crítica.

A mediação de leitura é espaço de encontros, onde se estabelecem relações sociais, que podem estar marcadas por afetos, mas também por conflitos, interesses e poder. Para o filósofo, professor, escritor e líder quilombola Antônio Bispo dos Santos (2015, p. 47-48), quando as relações sociais se dão por meio de uma hierarquia, são consideradas como colonizadoras. De acordo com o autor, a colonização é um processo de dominação e imposição de um modelo cultural, social e econômico sobre o outro, que pode resultar na perda de identidade e de autonomia. Bispo propõe o conceito de contra colonização como forma de resistência, reconstrução das identidades, práticas e organizações sociais dos povos colonizados. As relações de colonização e contra colonização se dão por meio de associações que se elaboram e se estruturam de forma vertical e horizontal. Antônio Bispo ilustra tais conceitos através do esporte, utilizando para isso o jogo de futebol e a roda de capoeira.

O jogo de futebol é regido por regras fixas e pré-definidas, onde 22 pessoas jogam, uma pessoa é árbitra e outras milhares apenas assistem. Pode ser que dentre os que assistem, exista uma que jogue melhor do que as 22 em campo, porém ela não pode entrar no jogo.

A roda de capoeira, de acordo com o autor, é regida pelos ensinamentos da vida; pode haver 50 pessoas jogando, uma pessoa ensinando e outras assistindo. No entanto, se dentre as que assistem houver uma pessoa que nunca viu capoeira e, mesmo assim, quiser participar, poderá entrar no jogo.

Segundo Antônio Bispo (2015, p. 42-43), a lógica excludente do futebol é revelada através de relações sociais verticalizadas, enquanto na capoeira a lógica inclusiva e participativa demonstra relações sociais horizontais e circulares. Para o autor, tanto as relações sociais horizontais quanto as verticais fazem parte dos processos organizativos da coletividade.

Na metáfora da ponte, a mediadora (ou o ato de mediação) é figura central, portanto, com relações sociais que indicam uma estruturação vertical. Essa relação vertical fica evidente em processos de mediação de leitura para crianças, nas quais adultos e figuras de autoridade, tanto no âmbito familiar quanto escolar, são centrais. Para a escritora Ana Maria Machado (2016, p. 19), neste contexto, existe perigo de contrabando ideológico, quando uma ideologia ausente na obra original se infiltra na percepção da criança através da experiência de mediação de leitura, evidenciando um processo de dominação do mais forte sobre o mais vulnerável<sup>2</sup>.

Costurar uma metáfora para a mediação de leitura ligada ao tecer no espaço coletivo é pensar a mediação a partir de uma estrutura circular, em que todas são mediadoras e todas são leitoras, enredando sentidos às leituras, portanto, seguindo a lógica construída de acordo com Antônio Bispo contra colonial.

A filósofa Márcia Tiburi (2019, p. 34), defende que as relações horizontais estão no âmago da vida das mulheres, e o feminismo nos ajuda ver o sentido de irmandade existente

---

<sup>2</sup> Ana Maria Machado (1999, p. 110), utilizou o conceito de horizontalidade e verticalidade ao refletir sobre a experiência da leitura e as relações com o texto literário em seu livro “Contracorrente: conversas sobre leitura e política”. Conforme a autora, a leitura vertical está relacionada à profundidade do texto, ultrapassando o nível da informação, tocando na formação, no simbólico, na crítica, no imaginário, entre outros. A horizontalidade da leitura refere-se ao aspecto mais prático e utilitário da leitura; nessa dimensão, o leitor percorre a superfície do texto, sem mergulhar em um sentido mais profundo. Nesta pesquisa, utilizamos os conceitos de estruturação e elaboração horizontal e vertical de Antônio Bispo (2015) na mediação de leitura, pois estamos tratando das relações sociais que se organizam coletivamente a partir da leitura.

entre elas. É o contrário do que acontece entre homens e mulheres, afundados numa relação vertical, em que as mulheres ocupam um lugar de subalternidade.

Dessa maneira, percebemos que a metáfora da ponte é construída a partir de uma relação verticalizada, dando especial destaque ao agente ou a ação, por isso propomos uma metáfora ligada à sabedoria feminina a partir da elaboração e estruturação circular.

### 3 A METÁFORA NA CIÊNCIA

As metáforas são figuras de linguagem usadas na Ciência para comunicar ideias e desenvolver hipóteses. Elas auxiliam na análise de resultados e na divulgação de descobertas. O objetivo é criar uma imagem mental ou analogia de conceitos complexos, seja para os pares ou para o público em geral.

Para Taylor e Dewsbury (2018), o estudo sobre metáfora na Ciência ainda é desconhecido para muitos cientistas, que inclusive poderiam se beneficiar dos *insights* interdisciplinares que esta ferramenta pode oferecer. As metáforas são relevantes para o raciocínio e para a comunicação científica. No entanto, metáforas ultrapassadas ou mal elaboradas podem limitar a pesquisa científica. Além disso, podem reforçar preconceitos e desigualdades, perpetuando mensagens sociais e políticas arraigadas na dinâmica cultural e nas relações de poder.

Os autores demonstram que toda a natureza da cognição humana é metafórica, que todo conhecimento emerge como resultado de experiências físicas e sociais incorporadas. Sob essa perspectiva, as metáforas não são enfeites linguísticos, mas fundamentais para processos de pensamento e entendimentos conceituais. Buscamos nas experiências entidades concretas para servir como representantes cognitivos (Taylor; Dewsbury, 2018, tradução livre).

Apesar desse potencial, é necessário levarmos em consideração o fato de as metáforas serem também figurativas, ambíguas e imprecisas. Além disso, podem reforçar estereótipos dominantes sobre quem faz ciência. Metáforas tais como explorar, caçar, conquistar, penetrar no desconhecido, estão ligadas ao universo masculino na cultura ocidental contemporânea. (Flannery, 2001) Por essas razões, os pesquisadores reforçam que é especialmente importante reconhecer as dimensões conceituais, sociais e políticas das metáforas e adotar perspectivas críticas sobre o seu uso e os seus efeitos.

Os estudos feministas buscam metáforas menos orientadas ao universo masculino, visto que esse tem predominado na Ciência por centenas de anos. A proposta da metáfora

feminista para a mediação de leitura é um saber localizado, onde a sabedoria ancestral do corpo feminino é fundamental. Esse saber, no entanto, pode se relacionar com outros saberes, como o indígena, como o negro, o periférico, entre outros.

Para isso, vamos nos situar a partir de agora no campo da experiência do tecer, tendo como referência o coletivo de mulheres que se reúne na Biblioteca Pública Municipal Raul Bopp para prática do bordado livre, sem a figura de uma professora ou mediadora pré-definida, portanto estruturadas a partir de uma lógica circular em que todas são mediadoras e todas participam da construção do conhecimento, assumindo um sentido comunitário<sup>3</sup>.

Importante salientar que nem toda experiência de tecer em grupo é circular; costureiras de uma fábrica de roupas, por exemplo, não possuem espaço para trocas de saberes, pelo contrário, exige-se o silêncio e a produtividade. Nesse sentido, de acordo com Antônio Bispo, o trabalho coletivo aparece de forma fragmentada, distante do sentido de mediação de leitura que pretendemos representar nesse trabalho (Santos, 2015, p. 42).

#### **4 TECER: UMA METÁFORA FEMINISTA PARA MEDIAÇÃO DE LEITURA**

Dentro do universo feminino atividades relacionadas ao tecer, como o bordado, têm um lugar singular: ao mesmo tempo que é uma atividade individual que exige quietude e olhar para dentro de si, convida para trocas em espaços comunitários.

A mediação de leitura também é o lugar em que primeiro olhamos e refletimos individualmente e depois temos a possibilidade de experimentarmos trocas coletivas. Se num primeiro momento damos sentido ao que lemos a partir de nossa experiência individual, é no encontro com outras perspectivas de leitura que geramos conhecimentos plurais, que podemos pensar a partir de outros pontos de vista.

O bordado é uma prática democrática, está nas galerias de arte, capas de livros, roupas de grife e nas casas mais populares (desde as periferias das grandes cidades até comunidades rurais, ribeirinhas, quilombolas, aldeias indígenas), adornando objetos de uso comum e vestindo corpos. Assim como a mediação, pode assumir tanto uma atitude elitista e de conservação da ordem quanto popular, de resistência e de insurgência.

---

<sup>3</sup> Sabemos que esse grupo não é um caso isolado; inclusive tem como referência outros grupos da cidade, como o Linhas Livres, que se reúne no Centro Cultural São Paulo; o Piradas no Ponto, que se reunia no Parque Trianon e as Artesãs da Chácara (referência à Biblioteca Pública Municipal Chácara do Castelo), entre outros.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

O tecer, assim como o cozinhar e o plantar, são ações próprias do humano, presente há séculos em todas as culturas, atravessando gerações, tendo como principal suporte a oralidade. Para a jornalista, poeta, pesquisadora, bordadeira e mediadora de leitura Blenda Souto Maior Belém (2024, p. 13), o bordado e todas as manualidades têxteis são mais do que um fazer artístico, são escritas materializadas pela memória do corpo e do gesto, por meio de sabedoria ancestral transmitida principalmente pelas mulheres.

De acordo com Belém (2024), a gestualidade do corpo (no ato de trançar, coser, bordar, costurar, tricotar) e a palavra oral se encontram na construção de narrativas. Para a autora, o próprio ato de tecer é uma forma de escrita através do gesto, que se realiza através do corpo, “[...] criando palavras-gesto, narrativas que transitam entre veredas da visualidade, gestualidade e oralidade.” (Belém, 2024b, p.134)

O encontro da palavra escrita com a palavra gestualizada (nesse caso o bordado) é o tema de pesquisa da autora, que vai costurando sentidos para palavras das escrituras das mulheres, tendo como referência o conceito desenvolvido por Conceição Evaristo, que defende que a “escritura não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade” (Evaristo *apud* Hermínio, 2022).

No entanto, conforme Belém (2024), esse espaço criado pelas mulheres de narrativas e fazer artístico, que se apresenta como pertencente às matrizes e às tradições, passou por processos de apagamentos, relegando-o a um lugar menor comparado às outras artes e conhecimento, recebendo o *status* de artesanato. A autora apresenta três fatores pelas quais a arte têxtil passou pelo processo de desvalia de sua condição de arte e processo de produção de conhecimento.

O primeiro deles é o fato de as artes têxteis serem categorizadas como arte manual em contraponto ao trabalho intelectual, sendo consideradas como ornamentação, esvaziadas do sentido intelectual atribuído. Outro apontamento, é o fato de as narrativas orais, muito presentes em comunidades tradicionais, africanas e indígenas, passarem por um processo de colonização sendo as artes e os conhecimentos produzidos de forma oral e através do corpo serem preteridas em relação às escritas alfabéticas. O terceiro fator, é a arte têxtil ser considerada pertencente ao universo feminino, o que se relaciona também ao processo de subalternização da mulher na estrutura social (Belém, 2024, p. 28-36).

Se tecer é um saber ancestral que acompanha as mulheres ao longo da história, a conquista da escrita alfabética foi durante muito tempo terreno de disputa para as mulheres.

A primeira bandeira de luta que se tem notícia por direitos das mulheres no país<sup>4</sup> foi pelo direito de aprender a ler, a escrever e a frequentar a escola, conquistado em 1827 com a primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas. No entanto, tem sido um longo caminho desde a apropriação cultural da escrita alfabética pelas mulheres até o exercício do direito de escrever e produzir literatura. As relações entre mulher e literatura se destacaram tanto nos últimos anos que, para Buarque de Holanda (2019), fizeram parte da 4ª (quarta) onda feminista.

As mulheres assumem o protagonismo na literatura após séculos de silêncio e de invisibilidade no cenário brasileiro com o crescimento de publicações de autoria feminina e de movimentos que estimulam a produção e a mediação de livros escritos por mulheres, como o Mulherio das Letras, o Clube de Leitura Leia Mulheres, o Mulheres Negras na Biblioteca.

Na literatura, as artes têxteis têm sido tema de diversos livros, como o Bordados da escritora franco-iraniana Marjane Sartrapi (2010). Através dos quadrinhos a autora conta a história de um grupo de mulheres da mesma família que após o almoço se reúne para uma sessão de bordados, atividade permitida somente a elas. Casamentos arruinados, virgindades roubadas, adultérios, frustrações, golpes e autoenganos, são temas que questionam com bom humor o machismo e o patriarcado em uma sociedade que silencia as mulheres.

No Brasil, a escritora Marina Colasanti (1937-2025) tinha o tema do bordado, da costura, do tecer e do universo feminino como centrais para sua obra. Suas narrativas, através da linguagem de contos de fadas, apresentavam o bordado como metáfora para a tessitura das relações entre mulheres, que, nem são sempre de harmonia, mas também marcadas por tensão, pois na convivência entre mulheres há solidariedade, bem como uma gama de enfrentamentos (Cordeiro, 2018, p. 33).

As semelhanças entre o tecer e a escrita do texto literário se iniciam na própria origem etimológica das palavras, como demonstrado por Belém (2024, p. 13). A palavra tecer vem do latim *texere*, que significa entrelaçar fios. A palavra texto tem sua origem em *textus*, que é o participio passado de *texere*, que significa também tecer, entrelaçar fios, estruturar. (Dicionário Etimológico, 2025). Percebemos, portanto, que tanto o tecer quanto a escrita de

---

<sup>4</sup> É importante ressaltar que inicialmente essa conquista foi de um grupo específico de mulheres (brancas, de classe média e alta, cisgênero). Mulheres pobres, negras e indígenas só tiveram o direito a frequentar a escola a partir da instituição do ensino público, no final do século XIX e início do século XX. No entanto até os anos de 1950 mais de 50% da população brasileira era analfabeta, dentre essas muitas mulheres, esse número começa a diminuir apenas no final do século XX. (Brasil, Ministério da Educação, 2021, p. 6).

um texto literário enreda tramas. A mediação por sua vez é o espaço de apreciação, de desvelamento, de investigação, de desconstruções, de relações, de análises, de elaborações, de novos entrelaçamentos, portanto, também é lugar de tecitura.

O ato de bordar, assim como o ato da mediação de leitura é um agir com consciência e intencionalidade. Um grupo de mulheres que se reúne para bordar, inicialmente escolhe o tecido (que pode ser um tecido novo ou um tecido que remete a memórias), as linhas (espessura, cores), o que irá bordar e com qual ponto. O projeto pode começar individual, mas aos poucos, se houver abertura da bordadeira para as relações de trocas de saberes, se transforma. Para além disso, existe o espaço do refazer, da construção coletiva e da apreciação. O grupo de bordado também é um lugar onde emergem os conflitos, inerentes ao convívio humano, que podem gerar rupturas ou novos jeitos de conviver.

Na mediação de leitura também há um momento de escolha, no qual há curadoria de textos literários, levando em consideração o gênero, a forma, o suporte. O ato de ler ressoa primeiro na leitora, mas o coletivo e as relações de troca vão tornando aquele texto coletivo, com costuras de memórias e experiências de vida que alinhavam e arrematam pontos ou simplesmente desfazem estruturas e deixam o pano pronto para recomençar a leitura.

Os conflitos na mediação de leitura podem parecer sutis, mas também fazem parte da trama do tecido social, estão lá os temas fraturantes, que alguns mediadores ou leitores preferem evitar e outros que os encaram com a naturalidade própria do que nos constitui enquanto humanidade.

Enquanto bordam, as mulheres conversam, cantam, comem, trocam receitas, é, portanto, lugar de fala e escuta. Durante séculos, foi um dos poucos espaços coletivos onde a mulher poderia exercer livremente seu direito de falar e ser ouvida. A mediação também é o livre espaço da fala, da escuta e do direito ao silêncio, não como imposição, mas como espaço de reflexão e introspecção. A mediação de leitura assim como o tecer é, portanto, lugar da criação, da experimentação, das experiências humanas e do viver comum.

De acordo com a filósofa Silvia Federici (2023), as atividades de reprodução social como plantar, cozinhar, tecer, bordar, e outras relacionadas ao cuidado, historicamente eram feitas coletivamente entre as mulheres da comunidade. Esses espaços começaram a ser esvaziados com o progresso do capitalismo contemporâneo que transformou a mulher em operária e muitas dessas atividades em mercadoria. A mulher, aos poucos, deixou de tecer os tecidos e de costurar as roupas, pois isso se tornou algo exclusivo das fábricas. O mesmo

aconteceu com as atividades de plantar e produzir os seus próprios alimentos. A mulher foi destinada ao papel do cuidado, da reprodução social e do trabalho doméstico dentro da família, sobrecarregando suas jornadas de trabalho, deteriorando sua saúde física e mental.

Para Federici (2022), quando as mulheres reinventam seus espaços comunitários, onde compartilham o cuidado, as atividades de reprodução social (plantar, costurar, cozinhar entre outras) e as práticas culturais, configuram um lugar de r(e)xistência, cuja semente pode produzir um mundo alternativo para o que vem sendo posto pelo sistema capitalista. Para a autora, o rompimento do individualismo vem com as organizações coletivas que cotidianamente têm o potencial de estimular nossos desejos, solidariedade e afetividade, além de nos nutrir para compartilharmos conhecimentos e projetos comuns (Federici, 2024, p. 22).

A bióloga e professora norte-americana Maura Flanery (2001), está sempre em busca de tornar a Ciência mais compreensível e acessível aos seus alunos. Uma das ferramentas que utiliza para fazer isso é a metáfora, comparando a Ciência com algo que seja familiar e interessante para os estudantes. Um dia ela percebeu que fazer Ciência era como costurar uma colcha de retalhos (*quilt*), pois as duas técnicas envolviam padrões bem definidos e tinha conotações comunitárias. Para a pesquisadora, o bordar, o costurar e o tecer é a própria metáfora dos movimentos feministas. A autora aponta similaridades entre as habilidades e os processos empregados por cientistas e artesãs (criatividade, colaboração, atenção meticulosa aos detalhes, cultivo do conhecimento tácito). Além disso, a metáfora da colcha de retalhos oferece abertura e inclusão de grupos tradicionalmente subalternizados.

Como já mencionamos, durante centenas de anos a Ciência utilizou metáforas ligadas ao universo masculino e colonizador; como resultado, estamos vivendo o colapso ambiental e das relações sociais. Se, por um lado, percebemos as metáforas do bordado, do costurar e do tecer como contribuições para ampliar o universo da Ciência, da Arte e da mediação de leitura, por outro, temos que nos atentar para que não estejam ligadas exclusivamente ao universo feminino, mas à nossa humanidade, na perspectiva incluir a participação de todas, todos e todes no universo criativo das costuras, dos bordados e da leitura.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O propósito de uma boa metáfora é nos levar a refletir; trouxemos a experiência das bordadeiras das bibliotecas municipais de São Paulo para nos ajudar a pensar como a

mediação de leitura pode ser vista a partir de uma perspectiva popular, comunitária e circular, não como algo para um grupo de privilegiados, mas que pode fazer parte da vida de qualquer pessoa, em qualquer momento. Neste caso, apostamos numa sabedoria ancestral ligada ao universo feminino para elaborar novos parâmetros dentro da Ciência da Informação, para compreendermos a apropriação social e cultural da informação ligados ao universo do livro e da leitura.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Cândido de. Epistemologias feministas e ciência da informação: notas introdutórias. **Informação & Informação**, Londrina, v. 26, n. 4, p. 48–75, 2021. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44463>. Acesso em: 20 nov. 2024.

ANDRUETTO, María Teresa. **A leitura, outra revolução**. São Paulo: SESC, 2017.

BELEM, Blenda Souto Maior. Nas tessituras da escrevivência de Conceição Evaristo: a palavra-gesto como escrita do corpo na arte de Rosana Paulino e Sônia Gomes. **Outras Travessias**, v. 1, p. 131-166, 2024b. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/98749> . Acesso em: 16 fev. 2025.

BELEM, Blenda Souto Maior. **O fio bordado da Escrevivência**: a palavra-gesto como rota de cura em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. 2024. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8161/tde-25072024-081433/pt-br.phpm> . Acesso em: 2025-02-16.

BUARQUE DE HOLANDA, Heloisa. (org.). **Pensamento feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Boitempo, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Mapa do analfabetismo no Brasil**. Brasília: DF: INEP, 2021. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/mapa\\_do\\_analfabetismo\\_do\\_brasil.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/mapa_do_analfabetismo_do_brasil.pdf) . Acesso em: 20 abr. 2025.

CORDEIRO, Maisa Barbosa da Silva. Mulheres que (se) tecem: metáforas do bordado em Marina Colasanti. *In*: ENCONTRO ABRALIC, 16., 2018, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: ABRALIC, 2018. Disponível: <https://www.abralic.org.br/anais-artigos/?id=2824> . Acesso em: 10 jan. 2024.

DICIONÁRIO Etimológico: etimologia e origem da palavra: texto [em linha], 2008-2025. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/texto>. Acesso em: 16 fev. 2025.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

DICIONÁRIO Priberam: mediar [em linha], 2008-2025. Disponível em:  
<https://dicionario.priberam.org/mediar> . Acesso em: 16 fev. 2025.

DUARTE, Constância, Lima. Feminismo: uma história a ser contada. *In: BUARQUE DE HOLANDA, Heloisa. (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto.** Rio de Janeiro: Boitempo, 2019. p. 25-47.*

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** 2. ed. São Paulo: Elefante, 2023.

FEDERICI, Silvia. Incorporar mudanças (entrevista). **Revista E.**, n. 9, ano 30, mar. 2024.

FEDERICI, Silvia. **Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns.** São Paulo: Elefante, 2022.

FLANNERY, Maura. Quilting: a feminist metaphor for scientific inquiry. **Qualitative Inquiry**, v. 7, n.5, p. 628-645. 2001. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/publication/249735071\\_Quilting\\_A\\_Feminist\\_Metaphor\\_for\\_Scientific\\_Inquiry](https://www.researchgate.net/publication/249735071_Quilting_A_Feminist_Metaphor_for_Scientific_Inquiry). Acesso em: 10 jan. 2025.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em:  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 16 fev. 2025.

HERMÍNIO, Beatriz. A escrevivência carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo. **Instituto de Estudos Avançados**, USP. 2022. Disponível:  
<http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo> . Acesso em: 16 fev. 2025.

HONORATO, Cayo. Mediação extrainstitucional. **Museologia & Interdisciplinariedade**, Brasília, v. III, n. 06, p. 205-220, mar./abr. 2015. Disponível em:  
<https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16737/15021> . Acesso em 11 fev. 2025.

MACHADO, Ana Maria. Leitura, livro e novas tecnologias. *In: MACHADO, Ana Maria. **Contracorrente: conversas sobre leitura e política.** São Paulo: Ática, 1999. p.102-122*

MACHADO, Ana Maria. **Ponto de fuga: conversa sobre livros.** São Paulo: Cia das Letras, 2016.

MARTINS, Ana Amélia Lages. Mediação: categoria lógica, ontológica, epistemológica e metodológica. **Investigación bibliotecológica**, Cidade do México, v. 33, n. 80, p. 133-154, set. 2019 . Disponível em: <https://www.scielo.org.mx/pdf/ib/v33n80/2448-8321-ib-33-80-133.pdf> . Acesso em: 10 maio 2025.

MARTINS, Ana Amélia Lages. **Mediação: reflexões no campo da Ciência da Informação.** 253 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

graduação em Ciência da Informação. Belo Horizonte, 2010. Disponível em:  
<http://hdl.handle.net/1843/ECID-88MHR9> .Acesso em 11 fev. 2025.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 01–22, 2014. Disponível em:  
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19992>. Acesso em: 10 jan. 2025.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. *In*: BUARQUE DE HOLANDA, Heloisa. (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Boitempo, 2019. p.371-387.

REYES, Yolanda. **Mediadores de leitura**. *In*: Glossário CEALE. Belo Horizonte: Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) – Faculdade de Educação da UFMG, 2014. Disponível em:  
<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura> . Acesso em: 13 jan. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: Unb, 2015.

SATRAPI, Marjane. **Bordados**. São Paulo: Quadrinhos da Cia, 2010.

TAVARES, Rossana Brandão; FERRÁDAS, María Novas; SARMIENTO, Laura Encarnando o vírus: intervenções epistêmicas e performativas à hegemonia disciplinar na arquitetura e urbanismo. **Cidades, comunidades, territórios**. [S. l.], p. 33-44, out. 2022. Disponível em:  
<http://hdl.handle.net/10071/26376> . Acesso em: 10 jan. 2025.

TAYLOR, Cynthia; Dewsbury, Bryan. On the Problem and Promise of Metaphor Use in Science and Science Communication. **J Microbiol Biol Educ**. n. 19, v. 1, p.19-46. 2018. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC5969428/> . Acesso em: 10 jan. 2025.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum para todas, todes e todos**. 11. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.